

BAIRRO DO CUBATÃO

Minha primeira lembrança do bairro do Cubatão é traumática: sai sem permissão da casa dos meus avós, que viviam na rua Ângelo Pedro logo após a pinguela, única passagem que permitia a travessia para a terceira colina urbana (naquele tempo, Franca era a Cidade das Três Colinas, ladeadas por dois “corguinhos”, hoje esta conta se perdeu) e fui brincar no estreito e comprido largo que hoje é a praça do Cubatão, urbanizada pelo prefeito Onofre Gosuen no final dos anos 50. Meu desaparecimento gerou um furdúncio familiar, mas fiquei bem, brincando com outros moleques na praça e nada de grave aconteceu.

Naqueles tempos que as brumas do passado apagaram, fazer parte da “Turma do Cubatão” era uma passagem para o perigo, pois do outro lado estava a “Turma da Estação”, bairro que leva o nome da antiga e hoje abandonada estação ferroviária da cidade, eram os “índios”, os pobres rejeitados pela sociedade branca e preconceituosa da velha Franca do Imperador, cujos efeitos ainda persistem nesses tempos de ódio e exclusão social. Nunca pertenci àquela turma, mas conhecia boa parte deles e, sempre que possível, atravessava para o outro lado da calçada quando os via. Melhor prevenir que remediar, preferível ter todos os dentes da boca.

O bairro do Cubatão leva o nome do córrego que faz seu limite com a Santa Cruz, um dos principais bairros “negros” da cidade, dizem que foi onde se fixaram grupos descendentes dos escravos expulsos das fazendas e lavouras de café da região. A favela da “Caixa d’água” na região foi definitivamente erradicada durante o governo de Sidnei Rocha, no início dos anos 80. Já o Cubatão teve sua população também constituída por imigrantes italianos, motivo pelo qual meus avós maternos ali viveram e abrigava, por causa da abundância da água, os vários curtumes da cidade (inclusive o do meu pai), que permaneceram ali por quase um século, só se mudaram após a construção do Distrito Industrial em meados dos anos 80. Por causa da poluição que a química dos curtumes trazia, as águas do córrego pareciam a bandeira do movimento LGBT. Num momento estavam azuis, noutras vermelhas, depois marrons. Mas sempre poluídas, sem contar o mau-cheiro, que conheci desde menino como frequentador da indústria familiar.

A “Turma do Cubatão” era formada por filhos daqueles imigrantes italianos que tinham em comum o gosto pela violência, pela briga, o que gerava tumultos especialmente na saída dos bailes de carnaval na AEC, onde ninguém era de ninguém. As brigas eram, geralmente, com forasteiros ou com “intrusos” da Estação. Perto deles, os torcedores “barra-brava” argentinos ou os “hooligans” ingleses seriam fichinha. Estavam mais para uma horda de Gêngis Khan, a violência era gratuita.

Isso acabou. O Cubatão mudou, sua população envelheceu e reduziu, a proximidade com o centro histórico da cidade o transformou em valiosa área comercial, suas ruas em lugares de passagem para carros particulares. Os grandes terrenos onde estavam os antigos curtumes viraram supermercados, lojas, concessionárias de veículos. A mudança foi grande, só não sei se foi para melhor para os que ainda vivem lá.

Mauro Ferreira é arquiteto

